

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

AS ÂNFORAS DE TIPO LA ORDEN NA LUSITÂNIA MERIDIONAL: PRIMEIRA LEITURA, IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO

Rui Roberto de Almeida¹, Carlos Fabião², Catarina Viegas³

RESUMO

No presente trabalho realizamos uma chamada de atenção para a presença na Lusitânia meridional de um tipo anfórico específico designado como La Orden, relativamente pouco conhecido no ocidente peninsular. Trata-se de uma ânfora que foi produzida nos arredores da cidade de Huelva (antiga *Onuba*) e que constitui um indicador privilegiado da persistência da produção/comercialização de preparados piscícolas da região da actual Andaluzia correspondente ao extremo ocidental da antiga província da Bética, durante o último terço do século V e a primeira metade do século VI d.C. Assim, através de alguns conjuntos cerâmicos onde foram recentemente detectadas, procuramos valorizar a importação e contextualizar a difusão destas ânforas, ainda que de forma preliminar, no quadro do território do actual Algarve durante o período tardo antigo.

Palavras-chave: Algarve, Bética, Antiguidade Tardia, Ânforas, La Orden, Economia.

ABSTRACT

This paper deals with the identification of some examples of a not well known late amphora type called “La Orden”. This amphora was produced at the outskirts of Huelva (formerly *Onuba*) and it’s a good indicator for the persistence of fish based products production and distribution from *Baetica*’s western area (nowadays western Andalusia) from late Fifth Century until the first half of the Sixth Century. From several ceramic assemblages where this amphora type was recently identified we essay some comments on import contexts and diffusion routes in the southernmost area of *Lusitania* (nowadays Portuguese Algarve).

Keywords: Algarve, Baetica, Late Antiquity, Amphorae, La Orden, Economy.

1. INTRODUÇÃO

As ânforas La Orden foram produzidas no extremo ocidental da antiga província da Bética, durante os finais do século V e a primeira metade do século VI d.C., mais concretamente nas imediações da cidade de Huelva, a antiga *Onuba*. A sua identificação incipiente em contextos de consumo no território algarvio - uma vez que facilmente se classificariam como cerâmica comum, os seus fragmentos, se o observador não estiver familiarizado com esta peculiar forma e fabrico - permite verificar que a importação de alimentos transportados em ânforas não se esgotou com a “desagregação do Império”, nem com as

balizas temporais usualmente estabelecidas para o final das indústrias de preparados piscícolas da *Baetica*, tradicionalmente localizadas em meados do século V d.C., nem os contentores usados no transporte destes artigos alimentares se circunscrevem aos bem conhecidos tipos Key XVI, XXII e XIX, cuja cronologia final de produção/circulação se costuma fixar no mesmo período. Partindo de uma base material gerada por trabalhos arqueológicos de natureza muito diversificada, pretende-se, através da selecção de um elemento de diagnóstico concreto – as ânforas de tipo La Orden – contribuir para o conhecimento do dinamismo económico do sul da Lusitânia e da maior longevidade dos seus mecanis-

1. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa. Faculdade de Letras. Univ. de Lisboa / FCT; rui.dealmeida@gmail.com

2. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa. Faculdade de Letras. Univ. de Lisboa; cfabiao@campus.ul.pt

3. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa. Faculdade de Letras. Univ. de Lisboa; c.viegas@letras.ulisboa.pt

mos comerciais e interação com a província vizinha da Bética durante a Antiguidade Tardia, concretamente durante a primeira metade do século VI d. C.

2. AS ÂNFORAS LA ORDEN

O contexto produtivo anfórico da região de Huelva durante a Antiguidade tardia remete-nos para um momento de ressurgimento ou retoma da produção, que se regista a partir do século IV. Este fenómeno foi particularmente sentido nesta vertente ocidental da Bética, contrariando a tendência geral que se verifica na restante província (García Vargas & Bernal Casasola, 2008). Neste contexto, desenvolvem-se nos arredores da antiga *Onuba*, uma série de unidades produtivas nos sítios de El Eucaliptal, em Punta Umbría, El Terrón, em Lepe, e na Barriada de La Orden, em Huelva, cuja documentação foi recentemente sistematizada (O’Kelly Sendrós, 2012, p. 319-336; 2016). Alguns autores admitem mesmo que este “renascimento” correspondeu a um amplo e complexo fenómeno que se estenderia à vizinha área algarvia, uma vez que se verifica a existência de vários detalhes morfológicos comuns nas ânforas produzidas em ambas regiões (García Vargas & Bernal Casasola, 2008, p. 672).

As ânforas do tipo La Orden caracterizam-se por um bordo voltado para o exterior, aplanado no topo e de secção rectangular com moldura exterior, ou arredondado e biselado, ambos com concavidade interna para receber uma tampa. O colo é curto e com uma aresta marcada na sua parte média; as asas, apresentam um típico perfil em forma de grande orelha sobrelavada, de secção ovalada com sulcos ou cristas longitudinais, arrancam na parte inferior do colo ou imediatamente debaixo dele e assentam no ombro. O corpo apresenta caneluras bastante acentuadas e possui um perfil piriforme invertido, terminando num fundo cónico maciço (O’Kelly Sendrós, 2016). Tal como parece suceder com outras formas onubenses, como é o caso das ânforas El Terrón 1 e 2, este tipo parece partilhar algumas características morfológicas com outras formas como é o caso das Key XIX béticas e das Almagro 51 A-B e Algarve 1 (Figura 2).

Na ausência de dados estratigráficos seguros nos contextos produtivos associados à recolha das ânforas La Orden, foram os dados obtidos em locais de consumo como em Lagos, na Rua Silva Lopes (Ramos, Almeida & Laço, 2006), em Sevilha ou em

Almería, que permitiram situar a sua cronologia na primeira metade do século VI (O’Kelly Sendrós, 2012, p. 329). Mais recentemente, os contextos obtidos na cidade de *Baelo Claudia* permitiram alargar esta cronologia, pois aí as ânforas La Orden ocorrem em contextos da segunda metade do século V (Bernal Casasola *et al.*, 2013; Bernal Casasola, 2016).

No caso das ânforas de El Eucaliptal e El Terrón, a sua localização costeira e a associação dos fornos a áreas de exploração dos recursos marinhos remete para um conteúdo piscícola, mas o mesmo conteúdo não parece ser tão evidente para as ânforas onubenses do tipo La Orden. Segundo J. O’Kelly Sendrós, um conteúdo vínicico poderia ser igualmente defendido, tendo por base a localização interior desta *figlina* e a proximidade de terrenos férteis, do ponto de vista agrícola (2012). Em nosso entender, um conteúdo relacionado com os preparados piscícolas parece ser o mais provável, dadas as características do conteúdo e a sua distribuição.

3. O RASTREIO (POSSÍVEL) DA DISPERSÃO: SÍTIOS, MATERIAIS E CONTEXTOS

A circunstância de se encontrarem em estudo diversos conjuntos de materiais arqueológicos de sítios do Algarve, possibilitou a identificação de vários exemplares de ânforas do tipo La Orden neste território.

3.1. Quinta das Antas / Torre de Aires, Luz de Tavira (cidade romana de *Balsa*) – CNS 60.

A cidade romana de *Balsa* foi identificada ainda no século XIX por Estácio da Veiga. Os documentos epigráficos associados às fontes escritas, nomeadamente ao Itinerário de Antonino, assim como os dados numismáticos e ainda os vestígios arqueológicos “explorados” no local, permitiram a sua correcta localização na área da Quinta das Antas e de Torre de Aires (Tavira) (Veiga, 1866). Apesar da importância que se reconhece a este núcleo urbano, o sítio nunca foi objecto de trabalhos arqueológicos sistemáticos. Depois dos trabalhos de Estácio da Veiga, além de intervenções pontuais, devem referir-se os trabalhos arqueológicos realizados por Maria e Manuel Maia, ainda nos anos 70 do século XX. O espólio recolhido no Museu Nacional de Arqueologia mostra que a ocupação do local não é anterior ao período de Augusto, prolongando-se até à primeira metade do século VI (Nolen, 1994; Viegas, 2011).

Considerando as importações anfóricas para o perío-

do compreendido entre os séculos III e V, assinala-se uma alteração significativa do peso relativo das áreas abastecedoras da cidade de *Balsa*, face aos momentos anteriores (Viegas, 2011). Se anteriormente ao século III o aprovisionamento de produtos alimentares transportados em ânforas era oriundo sobretudo da vizinha Bética, a partir do século III/IV assiste-se à crescente importância dos produtos locais (da Lusitânia), assim como dos norte africanos (especialmente tunisinos). Assim, num universo estudado de 110 ânforas para esse período, as produções lusitanas correspondem a 34,5% do total, enquanto as béticas se reduzem para 43,5% face à etapa anterior alto imperial em que correspondiam a 88,3% (121 exemplares). Nesta fase tardo antiga, assiste-se ainda ao surgimento do Norte de África como área de aprovisionamento relevante correspondendo as ânforas provenientes da actual Tunísia a 18,2% do total (Viegas, 2011, p. 358-389, Tabela 47). Recentes revisões de materiais de *Balsa*, feitas por dois de nós (RRA e CV), com distintos objetivos, concretamente os estudos sistemáticos das ânforas e da cerâmica comum, permitiram a identificação de um conjunto de peças que anteriormente tinham sido incluídas quer nas categorias das ânforas “*por determinar*” e/ou “*indeterminadas*”, quer na de “*cerâmicas comuns*” e que correspondem a ânforas tardias produzidas na área da actual cidade de Huelva ou em outras zonas do antigo território onubense. Assim, além das ânforas do tipo La Orden, identificaram-se ainda fragmentos pertencentes aos tipos El Eucaliptal 1, El Eucaliptal 2 e El Terrón. Do primeiro tipo, o que agora nos ocupa directamente, contam-se actualmente 5 fragmentos de bordo (Figura 2) e 10 prováveis fragmentos de asas.

Dadas as circunstâncias da recolha e identificação destes materiais torna-se difícil avaliar objectivamente, do ponto de vista quantitativo, qual o peso destes materiais no conjunto das importações tardias da cidade de *Balsa*. Assim, por um lado, parece correcto afirmar-se que as formas mais comuns em época tardia correspondem ao tipo Key XVI, não só nas importações béticas como também no conjunto, já que ao universo de 52 exemplares béticos tardios anteriormente estudado (Viegas, 2011) apenas se podem acrescentar cinco indivíduos que se integram no tipo La Orden; por outro lado, convém ter presente que o primeiro está situado no período compreendido entre o século III e os meados do V d. C., enquanto o segundo pode ser posterior, aparen-

temente entre a segunda metade/final do V e os meados do VI d.C., correspondendo portanto a âmbitos de produção e difusão distintos.

3.2. Faro, cidade romana de *Ossonoba* – vários CNS

Na actual cidade de Faro, antiga *Ossonoba*, apesar da escassez de intervenções arqueológicas de carácter sistemático, foi possível reconhecer distintas componentes do urbanismo antigo. O conjunto de ânforas tardias conhecido incluiu inicialmente materiais provenientes das intervenções realizadas no Museu Municipal e na área do Mosaico do Oceano (Viegas, 2011, p. 206-241). Para esta fase, o esquema de abastecimento tripartido (Lusitânia/Bética/Norte de África) parecia apresentar o mesmo padrão de *Balsa*. Posteriormente a documentação viu-se enriquecida/ampliada pelo estudo de um conjunto de outros materiais provenientes de diversas áreas da cidade, sobretudo da área designada por Vila-Adentro resultantes de trabalhos arqueológicos de características muito diversas, que, de um modo geral, e ao contrário das anteriores, implicaram apenas intervenções em extensão, de pouca profundidade e reduzidas cotas de afecção (Almeida *et al.*, 2014, p. 151-160). Graças à natureza da amostra, que ascendia a um total de 277 exemplares, foi possível valorizar as importações tardias deste relevante núcleo urbano, destacando-se as importações provenientes do Mediterrâneo oriental (Almeida *et al.*, 2014, Fig. 3 e 4). Neste conjunto, assinala-se um maior peso das produções lusitanas (44,4%) a que se seguem as importações Béticas com 27,8%, norte africanas (19,1%) e as provenientes do Mediterrâneo Oriental (7,9%). Novamente, entre as importações tardias béticas dominam as Key XVI e XVI/XXII da área costeira ocidental, provavelmente de Cádiz, conhecendo-se apenas um exemplar pertencente ao tipo La Orden (Figura 2), proveniente das escavações realizadas por Abel Viana em 1968 no Largo da Sé, carecendo de qualquer informação estratigráfica associada (Almeida *et al.*, 2014, fig. 3, p. 688).

3.3. Loulé Velho, Loulé – CNS 745

O sítio arqueológico de Loulé Velho, um extenso aglomerado costeiro de difícil caracterização, revelou até à data um estabelecimento de salga de peixe com diversas cetárias, mas também relevantes indícios de exploração agrícola, com a presença de contrapesos de lagar de azeite ou vinho. Uma das estruturas identificadas corresponde a um edifício com

ábside que tem sido interpretado como uma possível basílica (Gomes & Serra, 1996, p. 29-49), a que se associa um conjunto de sepulturas e espólio de época tardia (Bernardes, 2008, p. 9-22). Em processo acelerado de destruição pela erosão da costa e avanço do mar, este sítio tem vindo a ser objecto de intervenções esporádicas com carácter de emergência, sempre que os episódios da ruína das estruturas o justificam. As publicações que têm resultado desses trabalhos dão a conhecer uma série de materiais de cronologia diversificada onde pontuam as *sigillatas* africanas (Clara D), a *sigillata* tardia da Gália (DSP) ou a foceense, além das características jarras que se associam às sepulturas (Luzia, 2004, p. 43-131). Apesar de serem escassos os exemplares anfóricos conhecidos (entenda-se publicados...), o conjunto que até hoje pôde ser recuperado em inúmeras recolhas de superfície é bem mais numeroso e rico, tal como nos revela a amostra em exposição no Museu Municipal de Loulé – que inclui, ânforas lusitanas Almagro 51C, ânforas béticas Keay XVI, Beltrán 72 e Dressel 23, bem como alguns tipos africanos, para nos atermos somente aos exemplares tardios – e na recente exposição patente no Museu Nacional de Arqueologia: *Loulé. Territórios, Memórias e Identidades*, entre os quais se contam ânforas orientais do tipo LRA1. Assim, neste sítio, também não surpreende a existência de um exemplar do tipo La Orden (Almeida, no prelo).

3.4. Vale da Arrancada, Portimão – CNS 18712

A *villa* romana do Vale da Arrancada (Portimão) foi identificada por Leite de Vasconcelos em 1918 (Vasconcelos, 1918, p. 126-128) e, posteriormente, já na década de 80, objecto de intervenções de carácter preventivo por parte de Olívio Caeiro e Rui Parreira. Situada numa pequena elevação junto ao rio Arade, com ligação ao Atlântico, os trabalhos arqueológicos aí realizados não produziram infelizmente o necessário registo estratigráfico de materiais e estruturas. No entanto, possibilitaram a recolha para o Museu de Portimão de um conjunto relevante de materiais provenientes de uma cisterna, que permite aproximar-nos da caracterização do consumo de produtos alimentares transportados em ânforas e de outros produtos manufacturados (cerâmica comum, *terra sigillata*, etc.), neste sítio de âmbito rural durante a Antiguidade Tardia.

No estudo realizado sobre as ânforas Lusitanas já tivémos oportunidade de nos referir ao contexto

dos materiais da cisterna e ao processo de formação deste depósito (Fabião, Viegas & Freitas, 2016, p. 257-269). Resumidamente, trata-se de um conjunto muito heterogéneo com cerâmicas que possuem uma ampla diacronia, fragmentos de cerâmica de verniz negro (campaniense), diversos fabricos de *terra sigillata*, cerâmica comum e faiança (Fabião, Viegas & Freitas, 2016, p. 258). Contudo, a maior parte da cerâmica fina de mesa corresponde a *sigillata* Clara D das formas Hayes 59, 61A, 61B, 63, 67, 87A, e 91, com cronologias desde o final do século IV até ao terceiro quartel do século V. A amostra inclui ainda um importante lote de materiais das formas Hayes 97 e Hayes 93 / Fulford 52.1 / El Mahrine 18, que data da primeira metade do século VI (Hayes, 1972, p. 145-148), assim como o tipo Hayes 91C, de cronologia idêntica (Bonifay, 2004, p. 179). Integrável na mesma cronologia, encontra-se ainda a *sigillata* foceense e a DSP. Defendemos que este depósito corresponde à fase final de ocupação da *villa*, ao seu abandono e ao consequente entulhamento e desactivação da cisterna, uma vez que as cerâmicas mais tardias se encontram representadas por vários fragmentos que permitem reconstituição quase integral do seu perfil. Esta realidade encontra-se na *sigillata* Clara D, sucedendo o mesmo com os exemplares de ânforas lusitanas e repete-se com as ânforas tipo La Orden (Figuras 3 e 4).

No conjunto anfórico, que é formado por 117 indivíduos, maioritariamente correspondente a produções lusitanas de âmbito local/regional (67%), o segundo grupo mais numeroso (16,8%) integra as ânforas procedentes da Bética, sendo possível determinar a sua origem na região de Cádiz, no vale do Guadalquivir, costa oriental e região de Huelva (Fabião, Viegas & Freitas, 2016, p. 257-269). As importações extrapeninsulares incluem ânforas norte africanas que correspondem a cinco exemplares (dos tipos Africana IID, Africana IIIA e Keay 27B) e as originárias do Mediterrâneo oriental com os tipos Late Roman Amphora 1a, 1b e 4. Uma ânfora (Keay 79) é proveniente das Ilhas Baleares. No restante, a amostra possui ainda nove exemplares que não foi possível integrar tipologicamente, nem identificar a sua origem (*Ibidem*).

Sendo cautelosos nas leituras quantitativas deste material, dadas as dificuldades que a ausência do registo estratigráfico comporta, verifica-se neste caso uma presença mais expressiva de seis exemplares de ânforas do tipo La Orden (NMI), num conjunto

em que as produções originárias da bética costeira se resumem a apenas três exemplares, as do vale do Guadalquivir seis e as da costa bética oriental/zona de Málaga um exemplar (NMI) (Fabião, Viegas & Freitas, 2016, Fig. 12).

3.5. Lagos, vários CNS

Os últimos anos deram a conhecer um importantíssimo volume de dados da cidade de Lagos, na sua maioria como resultado de diversas intervenções de carácter preventivo ou de emergência, de maior ou menor fôlego, na área do centro histórico. Destacamos aquelas que possibilitaram a identificação de várias unidades de produção de preparados de peixe, aparentemente integrados em espaço urbano, uma vez que vários outros dados, como mármore, fragmentos de mosaicos e materiais de construção laterício, indicadores de áreas residenciais sofisticadas se documentaram. Regista-se também a presença de produção cerâmica e fragmentos de ânforas queimados ou deformados, indicando o fabrico local de contentores, num registo de autarcia ainda difícil de caracterizar em toda a sua extensão.

Associado a estas realidades foi recolhido um abundante acervo material, que inclui cerâmicas finas de diferentes épocas, ânforas importadas, cerâmica comum, etc. (Arruda, 2007; Ramos, 2008; Serra & Diogo, 2008; Ramos, Almeida & Laço, 2006; Ramos *et al.*, 2007; Filipe, Brazuna & Fabião, 2010).

Na intervenção realizada na Rua Silva Lopes nºs 4-8, identificou-se um complexo de época romana destinado à produção de salgas de peixe, composto por três unidades produtoras integradas num complexo de maiores dimensões, que se desenvolvia seguramente sob os actuais edifícios nºs 2 e 2A da Rua Silva Lopes e, muito possivelmente, também para o actual nº 105 da Rua 25 de Abril. A diacronia da sua utilização/laboração remonta a um momento impreciso na segunda metade do século I ou nos meados do século II d.C. (Ramos & Almeida, 2005; Almeida & Moros Díaz, 2014), mas para o tema aqui tratado, o da circulação de produtos e ânforas tardias, o momento que se reveste de particular interesse é o representado pela Fase II, o período compreendido entre os meados do século V, momento de entulhamento parcial e reestruturação, e o abandono definitivo da fábrica, na primeira metade do século VI d.C. (Ramos & Almeida, 2005; Ramos, Almeida & Laço, 2005; Ramos *et al.*, 2007). Durante este lapso de tempo, pelo menos as cetárias 1, 2 e 5,

as mais próximas da entrada do complexo, continuaram a ser utilizadas para a produção de preparados de peixe até ao seu entulhamento abrupto e abandono definitivo.

Os conjuntos cerâmicos provenientes das cetárias 1, 2 e 5, particularmente da última, a que maior quantidade, qualidade e diversidade de materiais ofereceu, apresenta enormes afinidades com outros conjuntos tardios do litoral hispânico, que a investigação tem vindo a trazer à luz nas últimas duas décadas, sobretudo ao nível das cerâmicas comuns⁴, com importações presumivelmente das Baleares, Norte de África e Mediterrâneo central (Macías Solé, 1999; Reynolds, 1993; Bernal Casasola, 2003; Ramón Torres, 2008), mas também das cerâmicas finas de mesa⁵ e ânforas, ambas importações de ampla circulação.

Entre as ânforas destes contextos, cuja recente revisão e estudo em curso permitiu alcançar a cifra de 244 fragmentos, há que mencionar, por um lado, a abundante presença dos tipos Algarve 1 (38%) e Almagro 51C (36%), no que se refere à produção local/regional, valores que entendemos estarem longe de poder ser explicados como residuais, e que devem certamente corresponder à produção local e/ou regional e à sua perduração até este momento, tal como ultimamente temos vindo a defender (Ramos & Almeida, 2005; Fabião, Filipe & Brazuna, 2010;

4. Ditas afinidades são bastante evidentes, por exemplo, no caso dos vasos com bico vertedor; do alguidar do tipo Tarraco GI/2, RE0816/17 de Ramon Torres; dos almofarizes dos tipos Reynolds W1.19J.3 /Reynolds W1.19L.2 e do tipo Tarraco M/65; das panelas do tipo Tarraco OC/26.2 ou Reynolds W6.6v, do tipo Tarraco OC/48.5, 49 ou 51 (variante pequena), do tipo Reynolds W1.32 e do tipo Tarraco OC/1.6, bastante bem documentadas em Algeciras, no sudeste e levante peninsular, bem como em Itália, na Cripta Balbi, de finais do V ao VII; das çaoilas baixas dos tipos Tarraco Cb/22 e Cb/23; da grande jarra/cântaro do tipo Tarraco G/39 ou assimilável à Fulford4.1; estas e outras formas possuem, todas elas, datações preferentes entre os finais do século V e o VI/VII d. C. Paralelamente, há ainda uma presença muito significativo de peças e tipos de produção manual e a torno lento, onde estão melhor representadas as çaoilas altas, com pegas horizontais mamiladas e com digitações, dos tipos Tarraco CA/23 e Reynolds HW10.5b, tradicionalmente datadas entre a segunda metade do século V e meados do VII d. C.

5. Entre as cerâmicas finas recolhidas contam-se exclusivamente *sigillatas* focenses e TSCD, nomeadamente: Hayes 3, 3c, 3d e 3f; Hayes 50; Hayes 67; Hayes 87 a e b; Hayes 91c e d; Hayes 99b; Hayes 104A e Atalante 46, incluindo a variante pequena.

Fabião *et al.* 2017); por outro lado, a presença de ânforas de azeite Dressel 23 do Vale do Guadalquivir (2%), ânforas da costa bética dos tipos Keay XVI (3%), Keay XIX (3%), representando as La Orden 4% do total (=10 frags.) (Figura 2); estão ainda atestadas ânforas do Mediterrâneo oriental (2%), entre as quais uma LRA 2, diversos fragmentos indeterminados (7%), entre os quais alguns de proveniência norte-africana e vários outros residuais, de época altoimperial (5%).

Igualmente relevantes para o conhecimento do período de tempo e do tipo anfórico em apreço foram as intervenções realizadas no âmbito do projecto URBCOM – Requalificação Urbana da Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes –, que permitiram documentar uma diacronia de ocupação desde a segunda metade do século I (época flávia) até ao século VI, ou mesmo mais tarde. Na Rua 25 de Abril identificaram-se vários contextos de natureza industrial, nomeadamente duas cetárias e uma estrutura de grandes dimensões, interpretada como o muro de delimitação da unidade de produção de preparados de peixe ali identificada (Ramos, 2008), bem como outros de cariz doméstico na área setentrional da rua. Por sua vez, na Rua Silva Lopes surgiram vestígios de novas cetárias, bastante destruídas, que poderiam fazer parte do anterior complexo, bem como vestígios inequívocos da existência da atividade oleira local, relacionada com a produção de ânforas Almagro 51C e Algarve 1 (Filipe, Brazuna & Fabião, 2010, p. 306-308).

A escavação de várias sondagens de diagnóstico e a escavação integral das áreas das chamadas “Caixas de Visita” dos colectores, permitiram recuperar conjuntos cerâmicos diversificados enquadráveis em momentos claramente posteriores aos meados do século III e que se prolongavam até ao século VI.

A área da Caixa de Visita 2 foi a que revelou a sequência ocupacional mais complexa, com três momentos claramente diferenciados – um mais antigo correspondente a um espaço industrial e outro o mais tardio, de carácter doméstico –, sendo que o terceiro compreende três fossas, que cortaram não só os estratos de abandono dos espaços anteriores, mas também o próprio substrato geológico. A análise e estudo preliminar da componente artefactual permitiu datar a última fase do seu enchimento no final do século V ou mesmo já do VI, com TSCD, formas Hayes 61b e 91b e alguns fragmentos indeterminados de DSP.

A Fossa 3 da qual se escavou apenas uma pequena

parte, pois excedia os limites da área de intervenção, apresentava um importante conjunto constituído por vários fragmentos de ânfora, alguns ainda em conexão. Os exemplares recuperados, e também recentemente revistos, perfazem um total de 24 fragmentos, e incluem a forma local Algarve 1 (13 frags.) e a Almagro 50 de produção algarvia (um frag.), as formas béticas Keay XIXb (três frags.), Dressel 23 (cinco frags.) e as La Orden (dois frags.) (Figura 2), que marcam, uma vez mais, a sua presença. Registou-se ainda cerâmica de cozinha africana. Num momento posterior ao abandono desta fossa destaca-se a presença de fragmentos de ânforas provenientes do Mediterrâneo Oriental, que não puderam ser classificados devido à sua reduzida dimensão (Filipe, Brazuna & Fabião, 2010, p. 311-312).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou valorizar a presença das ânforas La Orden no território algarvio, à luz da recente investigação. O objectivo era também chamar a atenção para esta forma, tomando-a como mais um indicador das dinâmicas comerciais numa etapa de que se conhece ainda pouco, a Antiguidade Tardia. A primeira observação que se poderá fazer prende-se com a geografia da distribuição destes contentores: é transversal à costa algarvia e não apenas na proximidade imediata do Guadiana, o território mais próximo da origem e o cenário mais expectável para o seu aparecimento, tal como nos atesta o conjunto de Punta del Moral, Ayamonte (Pérez Macías, González Batanero & Rodríguez Martín, 2013), ou na vertente oriental do Sul da Lusitânia. Pelo contrário, encontramos-os em toda a extensão do território algarvio, ainda que quase sempre em reduzida quantidade. A segunda observação, a natureza da distribuição: os sítios arqueológicos do actual território algarvio onde ocorrem as ânforas La Orden mostram-nos que a difusão destes contentores e seus produtos faz-se notar quer nos núcleos urbanos, tanto nas capitais de *civitates* de *Balsa* e *Ossonoba*, como em Lagos, de estatuto jurídico indeterminado, como Loulé Velho ou Vale da Arrancada. Esta cartografia, que se encontra necessariamente incompleta e reflecte a investigação que se tem realizado nos distintos locais, será certamente completada nos próximos anos, desenhando uma malha mais densa e rica para a distribuição dos preparados piscícolas Onubenses.

A presença deste tipo anfórico em Mértola não é, assim, de estranhar, por vários motivos, não só pelo dinamismo que o núcleo urbano conhece durante a Antiguidade Tardia, mas também pela facilidade de acesso através da importante via que o Guadiana constitui. Exceptuando as cerâmicas finas de mesa (Fernandes, 2012), são escassos os dados conhecidos das importações anfóricas de Mértola neste período. No entanto, foi possível reconhecer entre o material recuperado nas intervenções preventivas da unidade hoteleira Beira Rio, um exemplar quase completo (a que apenas falta o bordo) de uma ânfora do tipo La Orden (Lopes, 2014, p. 355 e 362, nº 197). Trata-se, de um contexto portuário onde ocorre igualmente uma ânfora LRA 6 do Mediterrâneo oriental (embora a classificação mereça alguma reserva), a que se associam também vários fragmentos de sigillata Clara D com decoração estampada do estilo E de Hayes, portanto com cronologia do século V – VI d. C.

Na carta de dispersão desta forma, merecem ainda especial referência os dados do noroeste peninsular, concretamente os da ria de Vigo na medida em que, constituindo-se como o testemunho mais setentrional da distribuição atlântica deste envase, abrem perspectivas para a sua identificação em outros contextos do ocidente da Lusitânia. De facto, documenta-se nesta etapa, além das cerâmicas de mesa africanas e foceenses, ânforas oriundas do Mediterrâneo oriental (como as LRA 1B, 2A, 3 e 4), assim como importações africanas (como os tipos Keay 62A, 55 e 8B). Como refere A. Fernández Fernández “Las importaciones béticas continúan llegando durante los mediados del s. VI, principalmente los productos de la franja costera Huelva-Algarve (ânforas Tipo La Orden y otras) y también pequeños contenedores olearios Dressel 23d del Val del Guadalquivir (...)” (2014, p. 129).

Quanto à contextualização destes materiais no território algarvio, refira-se que na maior parte dos casos não foi possível valorizar esta componente. Contudo, quando tal foi possível, como em Lagos ou no Vale da Arrancada, as ânforas La Orden encontram-se recorrentemente associadas a exemplares das produções lusitanas Algarve 1 e Almagro 51C de produção algarvia, assim como às formas béticas Keay XVI e XIX, destinadas a transportar preparados piscícolas, e às Dressel 23 de azeite do Vale do Guadalquivir ou ainda a ânforas norte africanas ou do mediterrâneo oriental como a LRA 2.

Por outro lado, deve referir-se que a forte ligação/integração económica do sul da Lusitânia com a Bética corresponde a uma realidade patente nos contextos algarvios desde a Idade do Ferro e que se prolonga pelo Principado até à Antiguidade Tardia, em contextos que parecem oscilar entre “concorrência” e complementaridade, já comentados em outros lugares (Fabião, 2000; Sousa & Arruda, 2010; Viegas, 2011).

No entanto, mesmo tratando-se de territórios vizinhos/contíguos, a presença das ânforas tipo La Orden na Bética ou no Algarve lusitano reveste-se de um significado bastante diferente nas duas áreas. Se na região de Huelva, esta manufactura remete para um “renascer” da economia produtiva bética, a partir dos finais do século IV, no sul da Lusitânia ela parece dar expressão à continuidade das interações regionais, bem como documentar a longevidade da produção anfórica lusitana, pujante desde pelo menos o século III, em vários pontos do território algarvio e que se vê prolongada até aos finais do século V ou mesmo ao VI.

Pelo que ficou demonstrado, pode afirmar-se que as ânforas La Orden constituem mais um indicador da dinâmica comercial em que o território algarvio participa durante a Antiguidade Tardia e os seus mecanismos. A cartografia da sua difusão coincide largamente, por exemplo, com a da *sigillata* foceense e certamente com a de outros artigos de análoga cronologia. Por outro lado, a associação das produções lusitanas às ânforas La Orden, em contextos fiáveis, permitirá o rastreio, de forma mais sistemática, da longevidade da produção de preparados piscícolas lusitanos e da sua difusão.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rui Roberto de (no prelo) – 274. Ânfora La Orden da Bética. In António Carvalho, Dália Paulo, Rui Roberto de Almeida (coord.), *Loulé. Território. Memórias. Identidades*. Catálogo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

ALMEIDA, Rui Roberto de; VIEGAS, Catarina; BEJA, Nuno; TEIXEIRA, Nuno (2014) – As Ânforas do Mediterrâneo Oriental em Faro (*Ossonoba*). Novos dados para equacionar o comércio durante a Antiguidade Tardia. In Rui Morais, Adolfo Fernández Fernández e Maria José Sousa (eds) – *As produções cerâmica de imitação na Hispânia. Actas do II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana (Braga, 2013)*. Tomo II, pp. 151-160.

ALMEIDA, Rui Roberto de; MOROS DÍAZ, Juan (2014) – Um Testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal).

- A propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes. *Al-Madan online*, II Série, n.º 19, tomo 1, p. 44-59.
- ARRUDA, Ana Margarida (dir.) (2007) – *Laccobriga. A ocupação romana na baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.
- BERNAL CASASOLA, Darío (2003) – La factoria de salazones de Iulia Traducta. Espectaculares hallazgos arqueológicos en la Calle San Nicolás nº 3-5 de Algeciras. *Almoraiwa*, 29, pp. 163-183.
- BERNAL CASASOLA, Darío; ARÉVALO, Alicia; MUÑOZ, A.; EXPÓSITO, José Angel; DÍAZ, José Juan; LAGÓSTENA, Lazaro; VARGAS, José Manuel; LARA, Medina; MORENO, E.; SÁEZ, Antonio; BUSTAMANTE, Macarena (2013) – Las termas y el *suburbium* marítimo de *Baelo Claudia*. Avance de un reciente descubrimiento, ONOBA, 01. *Revista de Arqueología y Antigüedad*, o (1), pp. 115-152.
- BERNAL CASASOLA, Darío (2016) – 29. Ânfora Onubense do Tipo “La Orden” In Fernández, A.; Barciela, P., *Emporium. Mil años de comercio en Vigo*. Catálogo. Vigo, pp. 108-109.
- BERNARDES, João Pedro (2008) – Intervenção Arqueológica de Emergência no Sítio Romano de Loulé-Velho (Quarteira). In *al-‘Ulyà* – revista do Arquivo Municipal de Loulé. 12, Loulé, pp. 9-22.
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. series 1301).
- FABIÃO, Carlos (2000) – O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? In: *Congreso Internacional Ex Baeticae Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano (Sevilla-Écija, 1998)*, vol. II, pp. 717-730.
- FABIÃO, Carlos; FILIPE, Iola; BRAZUNA, Sandra (2010) – Produção de Ânforas Romanas em Lagos: os dados resultantes das intervenções de contrato realizadas no âmbito do Projecto URBCOM. *Xelb*. Silves. 10, pp. 323-336.
- FABIÃO, Carlos ; VIEGAS, Catarina; FREITAS, Vera de (2016) – The Lusitanian Amphorae from the Roman Villa of Vale da Arrancada (Portimão, Algarve, Portugal). In Pinto, I.V.; Almeida, R. R. de; Martin, A. (eds) – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10), pp. 257-269.
- FABIÃO, C.; ALMEIDA, R. R.; BRAZUNA, S. e FILIPE, I. (2017) – “Produção de Ânforas em Lagos na Antiguidade Tardia. Ensaio de caracterização de um novo tipo: Algarve 1”. In FABIÃO et al. *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa: UNIARQ / CMS / CAA, pp. 175-194 (actas de seminário/ateliê | proceedings of seminar/workshop, Seixal, 2010).
- FERNANDES, Edgar (2012) – *Cerâmicas finas norte africanas e mediterrânicas orientais no baixo Guadiana (séculos V a VII)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Policopiado.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular a través del registro cerámico de la Ria de Vigo* (RLAMP 5), Oxford.
- FILIPE, Iola; BRAZUNA, Sandra; FABIÃO, Carlos (2010) – Ocupação Romana da Área Urbana de Lagos: novos dados resultantes do Projecto URBCOM. *Xelb*. Silves. 10, pp. 305-321.
- GARCÍA VARGAS, Enrique; BERNAL CASASOLA, Darío (2008) – Ânforas de la Bética», In: Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., (eds.), *Cerâmicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, Cádiz, pp. 661-687.
- GOMES, Mário Varela; SERRA, Manuel Pedro (1996) – Loulé-Velho (Quarteira, Loulé). Resultado da primeira campanha de escavações arqueológicas. In *al-‘Ulyà* – revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé. 5, pp. 29-49.
- HAYES, John William (1972) – *Late Roman pottery*. The British School at Rome. Londres.
- O’KELLY SENDRÓS, Jessica (2012) – Las ánforas onubenses de época tardorromana, In: Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., (eds.), *Cerâmicas Hispanorromanas II. Producciones regionales*, Cádiz, pp. 319-336.
- O’KELLY SENDRÓS, Jessica (2016) – «La Orden (Costa Baetica)», [em linha] *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo* <<http://amphorae.icac.cat/amphora/la-orden-baetica-coast>>, 20 July, 2016.
- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (século IV-VIII)*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Huelva. Policopiado. <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8053>>
- LUZIA, Isabel (2004) – O Sítio Arqueológico de Loulé-Velho. In *al-‘Ulyà* – revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé. 10, pp. 43-131.
- MACÍAS SOLÉ, Josep Maria (1999) – *La ceràmica comuna tardoantiga a Tarraco, Anàlisi tipològica i històrica (segles V-VII)*, TULCIS Monografies Tarraconense 1, Tarragona.
- NOLEN, Jeannette (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus.
- PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio; GONZÁLEZ BATANERO, Diego; RODRÍGUEZ MARTÍN, Manuel Javier (2013) – El fondeadero romano de Isla del Moral y el comercio marítimo en la desembocadura del Guadiana. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie II, Historia Antigua. 26, pp. 339-369.
- RAMÓN TORRES, Joan (2008) – La cerámica ebusitana en la Antigüedad Tardía. In: Bernal Casasola, D.; Ribera i La-

comba, A., (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, Cádiz, pp. 563-582.

RAMOS; Ana Cristina; ALMEIDA, Rui Roberto de (2005) – O Complexo industrial conserveiro de época romana na Rua Silva Lopes, Principais resultados de uma intervenção de emergência no Centro Histórico de Lagos, *Xelb* 5, pp. 101-118.

RAMOS, Ana Cristina; ALMEIDA, Rui Roberto de; LAÇO, Teresa (2006) – O complexo Industrial da Rua Silva Lopes (Lagos), Uma primeira leitura do sítio e análise das suas problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. In *Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica, Homenagem a Françoise Mayet*, Simpósio Internacional (Setúbal 2004), *Setúbal Arqueológica*, 13, pp. 83-100.

RAMOS, Ana Cristina; ALMEIDA, Rui Roberto de; LAÇO, Teresa; VIEGAS, Catarina (2007) – Les céramiques communes du VI^e s. du complexe industriel de salaisons de poissons de Lagos (Portugal), in Bonifay, M. e Trégliá, J.-C. (eds.) *LRCW2 Late Roman Coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry*, vol. I, Oxford: BAR Intern. series 1662 (I), pp. 85-97.

RAMOS, A. C. (2008) – Novos Dados sobre a Ocupação Antiga do Centro Histórico de Lagos. A intervenção na Rua 25 de Abril, n.º 53-55. *Xelb*. Silves. 8, p. 87-98.

REYNOLDS, Paul (1993) – *Settlements and Pottery in the Vinalopó Valley (Alicante, Spain): A.D. 400-700*. BAR Int. Ser. 588, Oxford.

SERRA, Miguel e DIOGO, M. (2008) – POLIS de Lagos: resultados preliminares. *Xelb*. Silves. 8, p. 215-222.

SOUSA, Elisa; ARRUDA, Ana Margarida (2010) – A Gadi-tanização do Algarve. In *Los Púnicos de Iberia: Proyectos, revisiones e síntesis. Mainake*. Málaga. 32 (2), p. 951-974.

VASCONCELLOS, José Leite de (1918) – *Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)*, Lisboa, Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1866) – *Povos Balsenses. Sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d'Ares. Distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Lisboa: Editora, a Livraria Catholica.

VIEGAS, Catarina (2011) – *A ocupação romana do Algarve – estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Série estudos e Memórias. Lisboa: UNIARQ. 3. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9775>.

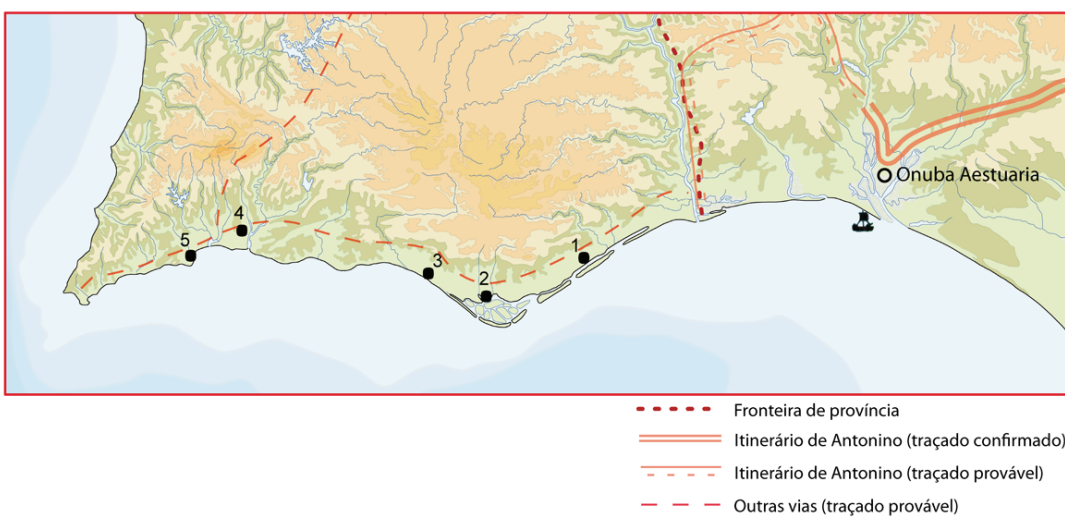
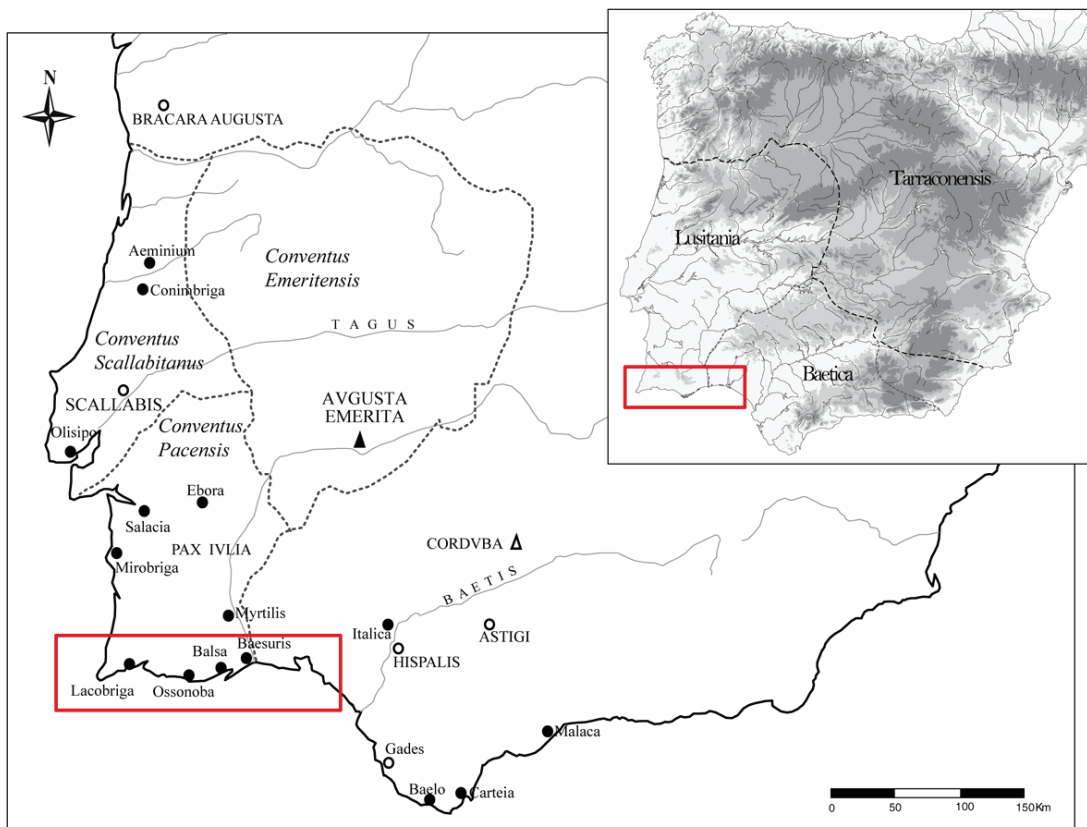


Figura 1 – Localização da área de estudo e cartografia dos achados de ânforas La Orden na costa meridional da Lusitânia. 1. Balsa; 2. Faro; 3. Loulé Velho; 4. Vale da Arrancada; 5. Lagos.

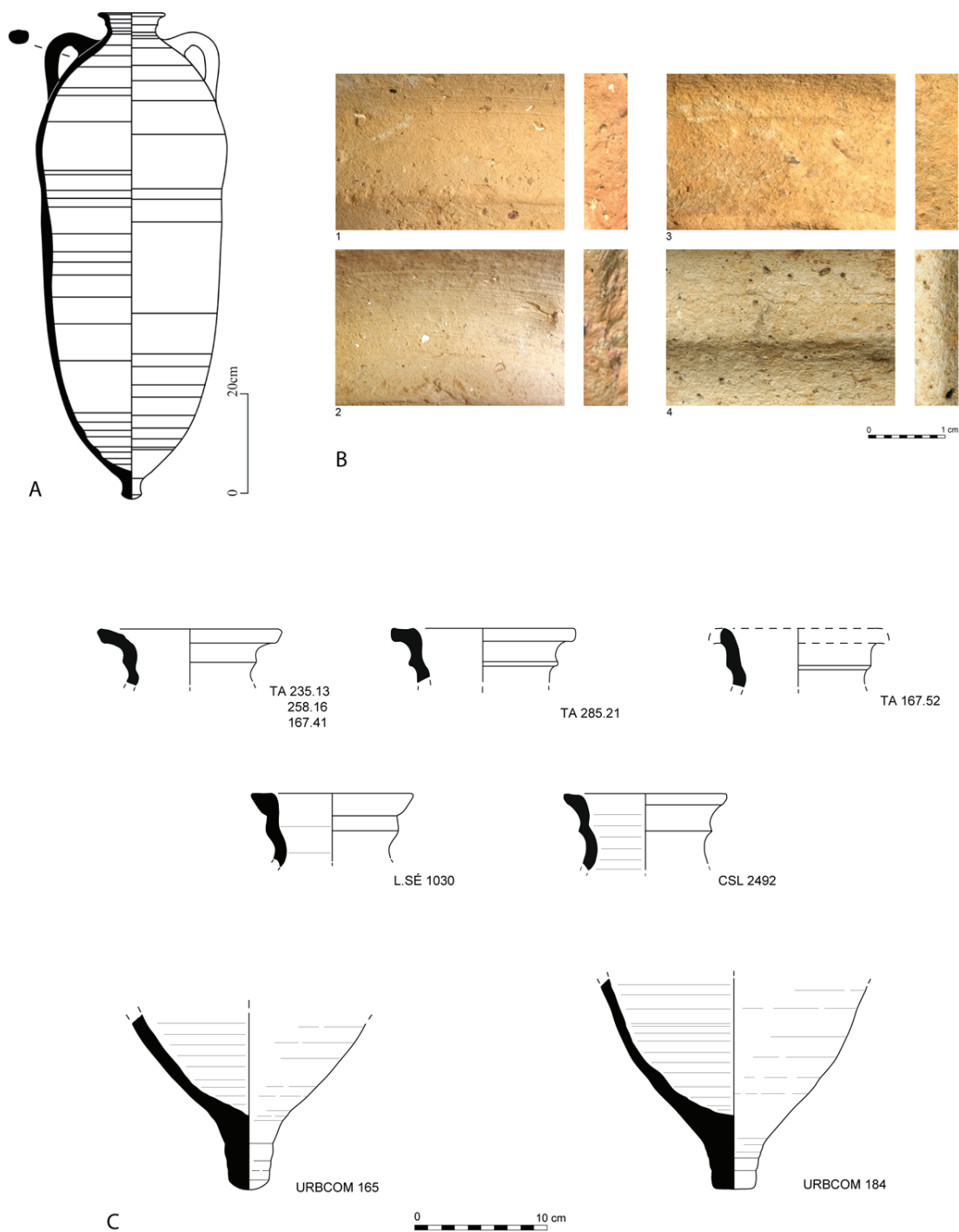


Figura 2 – A) Ânfora La Orden (segundo O’Kelly Sendrós, 2012); B) aspecto das superfícies e das fracturas das várias pastas identificadas em ânforas La Orden nos sítios estudados: 1-3, *Balsa*, 4, Loulé Velho; C) fragmentos provenientes de *Balsa* (TA), Faro – Largo da Sé (L.SÉ), Lagos – Rua Silva Lopes 4-8 (CSL), Lagos – Rua 25 de Abril 53-55 (URBCOM).

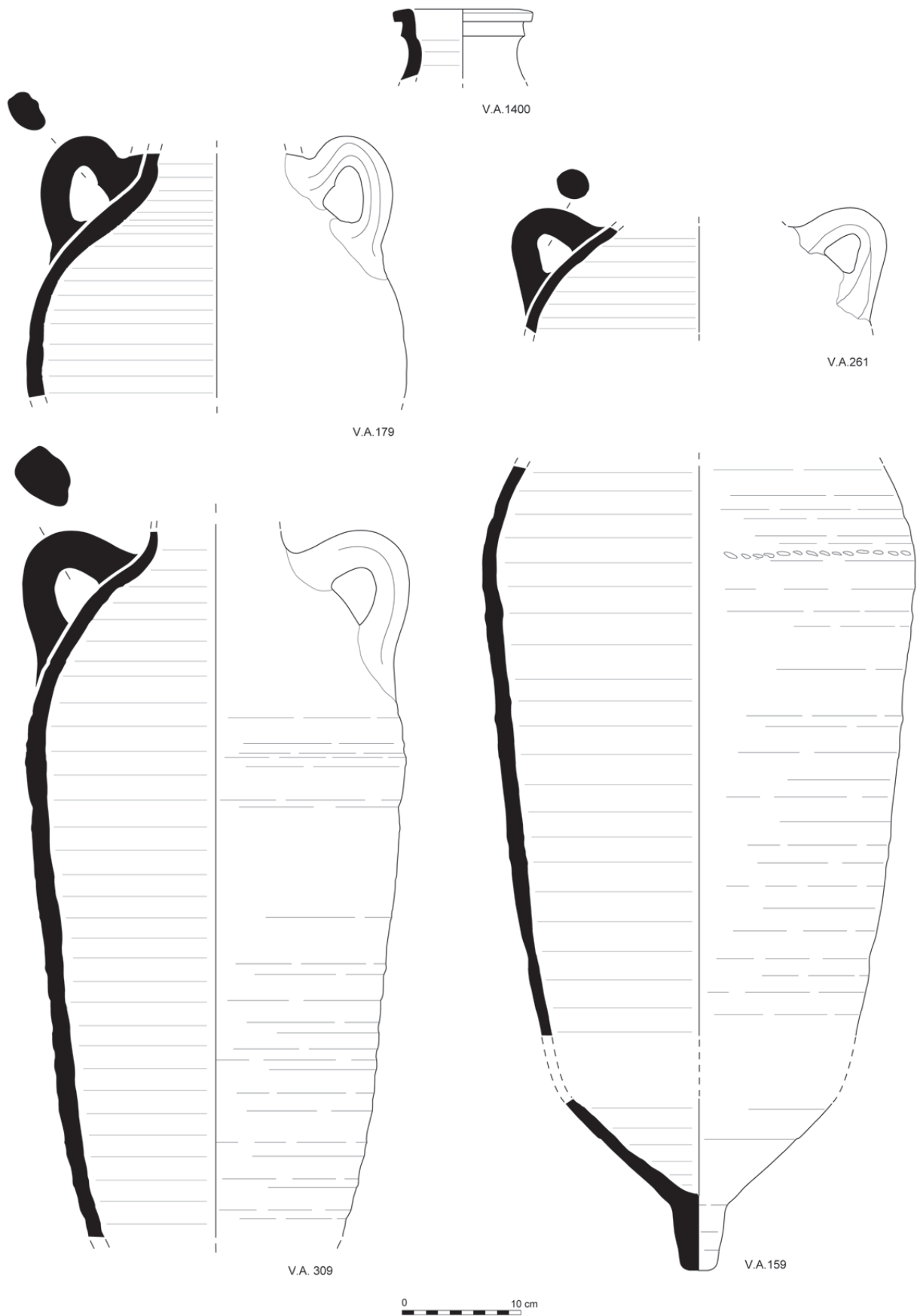


Figura 3 – Fragmentos de ânforas La Orden de Vale da Arrancada.

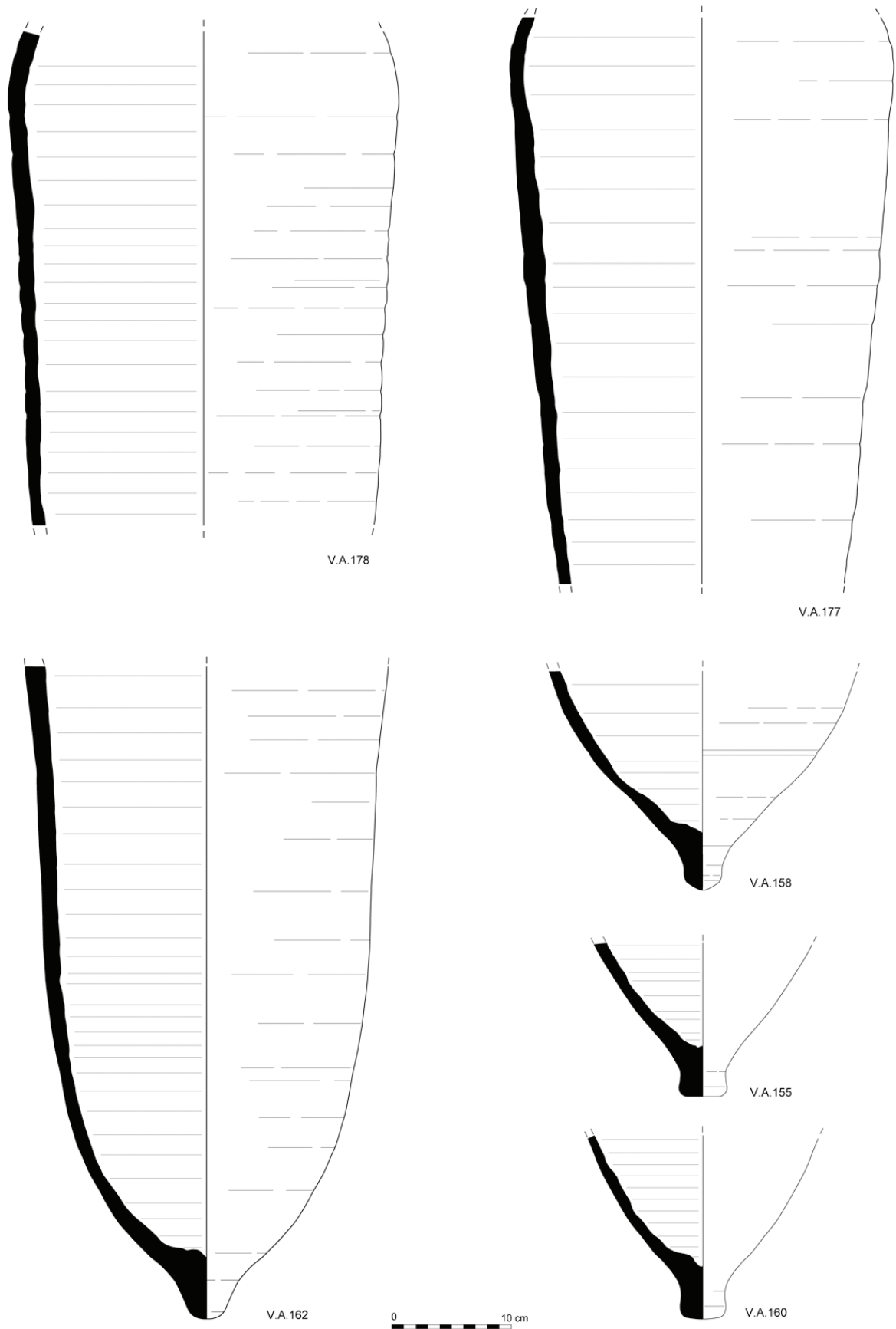


Figura 4 – Fragmentos de ânforas La Orden de Vale da Arrancada.

